

Rastros de morte nos sertões brasileiros: múltiplas experiências do fim

Traces of death in the brazilian sertões:
multiple Experiences of Death

Rastros de muerte en los sertões brasileños:
múltiples experiencias del fin

Rodrigues, C., Santos, C. J., & Albuquerque Júnior, D. M. (Org.). (2024). *A morte e o morrer nos sertões do Brasil*. NAU Editora.



As representações do(s) sertão(ões) no imaginário social brasileiro há muito tempo se encontra encapsulada em uma redoma de estereótipos, reduzidas frequentemente a um conjunto fixo de práticas, saberes e a uma iconografia caricata, como o sol escaldante, a seca, o gado e o jagunço (Cunha, 2016; Neves, 2003; Albuquerque Jr, 2006). Contra essa prisão conceitual, nos últimos anos os pesquisadores da História dos Sertões têm produzido e circulado conhecimento no meio acadêmico, em grupos de pesquisa, programas de pós-graduação e dossiês temáticos em periódicos, que buscam alargar as possibilidades de significação dos sertões,

* Doutor em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor Adjunto do Colegiado de História da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina. CV: <http://lattes.cnpq.br/4354196815490726>

destacando sua pluralidade cultural, natural e social.¹ “A morte e o morrer nos sertões do Brasil”, obra organizada por Claudia Rodrigues, Cícero Joaquim dos Santos e Durval Muniz de Albuquerque Júnior, inscreve-se com vigor nesse movimento de reabertura do conceito, porém, com um mote profundamente provocativo: a morte e o morrer.

A obra com perspectiva tão instigante se insere nesse debate, sobretudo pela notória trajetória acadêmica e sólida inserção no campo temático por parte da organizadora e dos organizadores. Claudia Rodrigues é professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), tendo como obras de destaque os livros autorais “Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro no século XIX” (1997), e “Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)” (2005); ambos fruto de dissertação de mestrado e tese de doutorado, respectivamente, premiadas pelo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro e pelo Arquivo Nacional. Cícero Joaquim dos Santos é professor do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA), e atua em Programas de Pós-graduação em História e Educação desta instituição. Autor do livro “Cruz da Rufina: História e tradição oral” (2021), coorganizador da coletânea “Estudos Cemiteriais no Brasil: itinerários, abordagens e perspectivas” (2022) e autor da tese “A mística do tempo: narrativas sobre os mortos na região do Cariri/CE” (2017). Já Durval Muniz de Albuquerque Júnior é professor titular aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, bem como professor permanente dos Programas de Pós-graduação em História dessa mesma instituição, dentre eles o de História dos Sertões (CERES/Caicó), e da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É autor de “A invenção do Nordeste e outras artes” (1999), e “Nordestino: uma invenção do falo” (2003), obras importantíssimas para a compreensão dos sertões nordestinos, além de trabalhos que versam sobre gênero, masculinidades, sensibilidades e produção de subjetividades.

O livro está estruturado em doze capítulos com recortes temáticos e temporais tão plurais quanto o próprio conceito e as experiências dos sertões podem ser. Assim, ele realiza um duplo movimento: primeiro, expande a noção de sertão, libertando-a de suas amarras regionalistas; segundo, e mais crucial, profundifica essa pluralidade ao ancorá-la em uma reflexão sobre as formas da morte e do morrer que se articulam com questões políticas, culturais e sociais.

Como os próprios organizadores afirmam na apresentação, a ideia de sertão trabalhada “diz respeito a uma categoria espacial compreendida enquanto construção histórica atribuída a diferentes e variados lugares, trazendo à tona narrativas espacializantes entre litoral e interior, entre o mundo rural e suas conexões com o urbano” (p. 7). É o capítulo inaugural de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, responsável por nos apresentar uma arqueologia da invenção

¹ Podemos destacar entre essas iniciativas o Programa de Pós-graduação em História dos Sertões (PPGHC) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/CERES), com ingresso de primeira turma no ano de 2019; O Dossiê temático “Por uma história dos sertões: novas perspectivas e temporalidades sobre o ‘Brasil profundo’”, na Revista História e Cultura (UNESP, 2020); Além de publicações de livros, artigos e coletâneas como: Freire (2014), Silva, Sá e Sá (2015), Cândido e Neves (2017), Andrade Júnior e Macedo (2017), Reis Júnior, Irffi, Sousa e Oliveira (2018) e Santos (2019).

do “interior” brasileiro, que nos fornece elementos e reflexões para compreendermos como o discurso regionalista nordestino capturou o conceito de sertão. O autor desvela como, durante séculos, o termo “sertão” foi aplicado a qualquer interior não litorâneo e desconhecido da América Portuguesa, sendo sua captura pelo discurso regionalista nordestino um fenômeno mais recente, datado do início do século XX. Esta abertura conceitual permite que a coletânea explore sertões que vão muito além do polígono das secas, abarcando desde os “sertões molhados” fluminenses e amazônicos até os “sertões frios” do Contestado no Sul do país.

Ao nomearmos esta resenha de “Rastros de Morte nos Sertões Brasileiros” buscamos compreender que os “rastros” são as marcas indeléveis, os vestígios físicos e culturais desse processo tanático. São as memórias silenciadas, os modos de vida extintos, as paisagens transformadas pela seca e pela cercania e a própria morte física como evento histórico constante. Com aquilo que chamamos aqui de “múltiplas experiências do fim”, o livro realiza sua maior contribuição: demonstra que a morte não é um universal abstrato, mas uma experiência singular, moldada pela cultura, pela política, pela geografia e, sobretudo, pela violência do processo colonial. Entender como se morre em um lugar é fundamental para entender como se vive nele e como esse lugar foi forjado.

Partindo de questões que investigam as especificidades da finitude nos sertões, a obra não se limita a pensar a morte em distintas localidades que possam ser assim classificadas. Articula-se com dimensões de pluralidade cultural, política e social precisamente a partir da dimensão ontológica do fim. A morte é apresentada não como um evento biológico singular, mas como uma lente através da qual se pode ler a própria formação do Brasil, elemento este que poderia ter sido ainda mais explorado ao longo dos capítulos. Pois, a história da conquista e colonização dos sertões é, em última análise, uma história de múltiplas mortes. O avanço da chamada “civilização” sobre os interiores significou não apenas a morte simbólica de um espaço (soterrado sob novas narrativas e projetos de poder), mas, de forma brutalmente material, a morte de incontáveis pessoas. O genocídio indígena, assinalado de forma contundente, é o exemplo mais visceral desse processo, no qual o morrer nos sertões “desconhecidos/isolados” foi a condição para o nascimento de uma civilização específica e excludente.

Além de evidenciar essa pluralidade cultural, as experiências estudadas ao longo dos capítulos garantem o enfrentamento direto de visões enclausuradas, promovendo um desmonte decisivo da ideia de um sertão isolado e parado, supostamente alheio à circulação, interação e integração, sobretudo no que se refere ao Norte/Nordeste do Brasil. A obra demonstra, de forma contundente, que os sertões são, na verdade, espaços de intensa dinâmica e conexão.

Os capítulos que tratam de epidemias, como os de Laércio de Araújo Sousa Júnior (Paraíba), Alcineia Rodrigues dos Santos (Rio Grande do Norte) e Jucieldo Ferreira Alexandre com Paulo Henrique Fontes Cadena (Ceará), são exemplares nesse sentido. É demonstrado como a cólera e a varíola se disseminaram por meio do trânsito e das relações entre pessoas e regiões. Isso desmonta a visão do sertão como um lugar isolado e estanque, mostrando-o, na verdade, como um espaço de encontro, de fluxos e de intensa dinâmica social.

A morte por epidemia acontecia porque a vida, em toda a sua complexidade, também acontecia. O medo da doença levou ao abreviamento ou supressão dos rituais fúnebres

católicos, considerados essenciais para uma “boa morte”,² causando profunda angústia espiritual e desarticulando o tecido social. A criação de cemitérios dos coléricos ou de “bexiguentos”, muitas vezes improvisados e não consagrados, como mostra Alcineia Rodrigues dos Santos na região do Seridó-RN, é um rastro físico e simbólico desse trauma, um vestígio material de como a morte em massa alterou violentamente as práticas culturais.

Além do contexto dramático das epidemias, essa mesma lente tanática que expõe a integração dos sertões revela-se igualmente potente para analisar outros processos históricos de ocupação e conflito, como demonstram outros capítulos do livro. Pois, a história das alterações das fronteiras geográficas do sertão (via colonização) é indissociável da história da alteração do próprio conceito. Todo o sertão brasileiro, entendido durante o período colonial como as vastidões interiores da América Portuguesa, passou por uma experiência categórica de morte de povos indígenas, narrativizada como sinônimo de conquista e civilização. Os capítulos de Claudia Rodrigues e Maria da Conceição Vilela Franco sobre os sertões fluminenses dos séculos XVIII e XIX são elucidativos. Eles analisam a ocupação dos chamados “sertões da Mantiqueira” e do “rio Macaé”, áreas então habitadas, respectivamente, por grupos Puris e Coroados e Guarulhos e Goitacazes, transformadas em espaços de morte devido aos conflitos com os povoadores luso-brasileiros.

A obra amplia no tempo e no espaço, mostrando que a relação tanática com o sertão não é um fenômeno restrito ao período colonial. O capítulo sobre a Guerra do Contestado, de Lourival Andrade Junior, analisa como o estado brasileiro, no alvorecer do século XX, deixou um rastro de morte ao massacrar posseiros, indígenas e messiânicos que resistiam à expropriação de suas terras para a construção da estrada de ferro. A morte do monge José Maria, longe de ser o fim, transformou-se em símbolo de resistência e de encantamento, mostrando como as crenças podem ressignificar a morte violenta. Já os estudos sobre a Amazônia, como o de Mara Genecy Centeno Nogueira e Elis da Silva Oliveira sobre a Madeira-Mamoré, revelam um sertão úmido e “infernal”, onde a morte era insumo para narrativas de horror e o perigo não vinha da seca, mas das doenças tropicais e da floresta “amaldiçoada”. Por sua vez, Tiago Varges da Silva e Maria Elizia Borges mostram nos cemitérios ribeirinhos amapaenses uma relação mais íntima e integrada com a morte, onde os rituais de “Iluminação dos Mortos” refletem uma cultura adaptada aos ritmos dos rios.

Durante todo o livro é possível compreender o esforço em historicizar e alargar a experiência dos sertões, que também pode ficar evidente quando contrastamos o capítulo de Tatiane Oliveira da Cunha com aquele escrito por Deuzair José da Silva e Eduardo Gusmão de Quadros. No primeiro, a análise do processo de colonização mediado por missões capuchinhas em Sergipe demonstra como a morte foi um instrumento de ordenamento social e preenchimento do vazio estatal, com a construção de cemitérios sendo um projeto coletivo incentivado pela Igreja. Já no segundo texto, o foco se desloca para a esfera da memória

² O ideal da “boa morte” católica pressupunha um falecimento antecipado e administrado pela comunidade paroquial. Esse protocolo assegurava ao moribundo a possibilidade de uma preparação espiritual final, inclusive delegando aos parentes a obrigação de cumprir os ritos religiosos tidos como fundamentais para a proteção da alma em sua jornada para o Além. Ver Reis (1991) e Rodrigues (2005).

familiar e comunitária em Goiás, onde a investigação de cemitérios rurais revela práticas de luto e a perpetuação de linhagens. Não por acaso, do contexto institucional de Sergipe oitocentista às tradições campestres do Cerrado contemporâneo, os sertões se revelam não apenas como um recorte espacial, mas principalmente como a construção de experiências que são desenhadas nas crenças, nos costumes, nos corpos, na conquista e na forma singular de morrer e de lidar com os mortos.

O livro se encerra com um olhar sobre o presente, no capítulo de Cícero Joaquim dos Santos sobre os “cemitérios de anjinhos” no Cariri cearense. Esses espaços, destinados a natimortos e recém-nascidos, muitas vezes clandestinos e localizados em áreas rurais, são analisados como trincheiras de memória e resistência cultural. Eles demonstram como as sensibilidades em torno da morte trágica e do luto perduram e são ressignificadas no século XXI, mantendo viva uma prática cultural profundamente enraizada.

Antes de finalizar, portanto, gostaríamos de destacar que a pluralidade de espaços e os diferentes sertões alcançados por esta coletânea ficam manifestos não apenas nos recortes temáticos e nos objetos de pesquisa, mas também na própria origem geográfica de sua produção intelectual. Os pesquisadores que contribuem para a obra estão vinculados a instituições de ensino e pesquisa que abrangem o país de norte a sul e de leste a oeste, incluindo a Universidade Federal de Rondônia (UNIR), a Universidade Estadual de Goiás (UEG), a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), a Universidade Federal de Goiás (UFG), a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a Universidade Regional do Cariri (URCA), a Universidade Federal do Cariri (UFCA), a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Essa abrangência nacional materializa, na própria constituição do livro, o seu propósito de desestabilizar visões homogêneas e explorar a multifacetada experiência da morte nos sertões brasileiros.

Assim, “A morte e o morrer nos sertões do Brasil” cumpre brilhantemente seu propósito. Ao reunir espaços e experiências que foram, são ou poderiam ser nomeados como sertões (dos fluminenses aos gaúchos, dos áridos aos úmidos), a obra não apenas oferece uma contribuição fundamental para os estudos sobre a história da morte no Brasil, mas também, e principalmente, atua na ampliação da riqueza semântica do conceito de sertão. Ela liberta o termo de sua camisa de força regionalista e o recoloca em seu lugar de direito: como uma categoria espacial dinâmica, plural e profundamente reveladora das contradições, violências e resistências que forjaram o Brasil. Os rastros de morte mapeados pelos/as autores/as são, no fim das contas, os vestígios para se entender a vida que teimou e teima em florescer mesmo diante do fim. É uma leitura essencial para quem deseja compreender as camadas mais profundas e, muitas vezes, trágicas da formação social brasileira. Assim, para além da morte, o livro oferece uma nova vida para o conceito de sertão.

Referências Bibliográficas

- Albuquerque Junior, D. M. (1999). *A invenção do Nordeste e outras artes*. FJN, Massangana/Cortez.
- Albuquerque Junior, D. M. (2003). *Nordestino: uma invenção do falo: uma história do gênero masculino (Nordeste, 1920/1940)*. Edições Catavento.
- Andrade Junior, L., & Macedo, H. A. M. (Org.). (2017). *Cultura e sensibilidades: sertões, histórias e memórias*. Mares Editores.
- Cândido, T. A. P., & Neves, F. C. (Org.) (2017). *Capítulos de História Social dos Sertões*. Plebeu Gabinete de Leitura Editorial.
- Cunha, E. (2016). *Os sertões: Campanha de Canudos*. Ubu Editora/Edições SESC São Paulo.
- Freire, A. (Org.). (2014). *Culturas dos sertões*. Edufba.
- Neves, E. F. (2003). Sertão como recorte espacial e como imaginário cultural. *Politeia*, 3(1), 153-162.
- Reis, J. J. (1991). *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. Companhia das Letras.
- Reis Junior, D. O., Irffi, A. S. C., Sousa, M. A. F., & Oliveira, A. J. (Org.) (2018). *História social dos sertões*. CRV.
- Rodrigues, C. (1997). *Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro*. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração.
- Rodrigues, C. (2005). *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Arquivo Nacional.
- Rodrigues, C., Santos, C. J., & Albuquerque Júnior, D. M. (Org.) (2024). *A morte e o morrer nos sertões do Brasil*. NAU Editora.
- Santos, E. (2019, janeiro a junho). Ensaio sobre diversidade historiográfica: como escrever (e reconhecer) histórias dos sertões a partir de novas e velhas epistemologias. *Saeculum*, 24(41), 441-452. <https://doi.org/10.22478/ufpb.2317-6725.2019v24n41.47700>
- Santos, C. J. (2017). *A mística do tempo: Narrativas sobre os mortos na região do Cariri/CE*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará].
- Santos, J. (2021). *Cruz da Rufina: História e tradição oral*. CRV.
- Silva, S. D., Sá, D. M., & Sá, M. R. (Org.) (2015). *Vastos sertões: História e natureza na ciência e na literatura*. Mauad X.

Submetido em: 21 de outubro de 2025

Aprovado em: 9 de novembro de 2025

